

**LITTERATURAS AFRICANAS II – Prof. Mário Lugarinho**  
**Poemas de José Craveirinha**

CANTIGA DO BATELÃO

Se me visses morrer  
os milhões de vezes que nasci

Se me visses chorar  
os milhões de vezes que te riste...

Se me visses gritar  
os milhões de vezes que me calei...

Se me visses cantar  
os milhões de vezes que morri  
e sangrei...

Digo-te irmão europeu  
havia de nascer  
havia de chorar  
havia de cantar  
havia de gritar

E havia de sofrer  
a sangrar vivo  
milhões de mortes como Eu!!! (OP, p. 35)

ANTI-LIRISMO INÚTIL

Não alfabetizes as palavras.  
Lê-as uma por uma, meu amor,  
e solda o sentimento ao que elas  
juntas e despidas te dizem.

Lindo o verso  
faz-se do alfabeto momentâneo  
que desejamos liricamente  
folheando o livro dos sinónimos.  
Mas o poema  
esse organiza ou ressuscita  
visceral consoante a humildade  
com que somos mexoeira do fértil chão  
o legível som exterior do xitende  
o plasma longínquo dos tambores  
ou a espancada  
consciência do homem vivo. (PP, p. 43)

A VIDA

A vida  
órfã de sempre  
dá-me em cada verso  
uma veia esticada em mim  
a retinir poesia.

Deus deu-me  
esta arte mínima  
de confessar as coisas  
dizendo tudo a fingir.

E desta dádiva me sirvo  
polígamo de nostalgia. (ibid., p. 30)

ÁFRICA

A sombra  
exige-me um silêncio  
meio repleto de sonhos.

E o amor  
sentido é o pressentimento  
que vai do sentir ao ser.  
Mas absurda  
a realidade  
fantástica  
é um pontapé acordado.

E se perscruto a noite  
a África sai-me gritando. (ibid., p. 80)

MAMPSINCHA

A mampsincha  
é um fruto africano  
rasteiro ali onde nasce  
e cresce de cor verde  
enquanto púrpuro se não torna  
e já sazonado o levanta  
nas puras mãos de ébano  
o negrinho na gula do seu caroço. (OP, p. 66)

Menino gordo comprou um balão  
e assoprou  
assoprou com força o balão amarelo.

Menino gordo assoprou  
assoprou  
assoprou  
o balão inchou  
inchou  
e rebentou!

Meninos magros apanharam os restos  
e fizeram balõesinhos. (ibid., p. 70)

Aos cinquenta anos de idade  
toda a gente reconhece a Maria  
mas unicamente, só eu  
posso revelar a fútil narrativa  
da esposa Maria e do seu marido Zé.

Maria com os nossos filhos para se distrair.  
Maria dona de noites inteiras para não dormir.  
Maria uma sistemática viúva de tudo na Mafalala.

Minha tão simples esposa Maria  
incansável na quotidiana viuvez por mim  
nos imitigáveis quatro anos do meu ocioso  
falecimento numa exclusiva urna de óptimo ferrolho  
com uma clássica paisagem de ferros em quadrilátero  
na hipotética janela.  
(M, p. 9-11)

Minha bela esposa Maria!  
Tão bela esposa no aneurisma sem respeito pelo seu drama.  
Tão bela esposa no realismo socialista do rústico fogareiro a carvão.  
Tão bela esposa cliente incorrigível das farmácias.  
Tão bela esposa de pé aos solavancos no machimbombo 13.  
Tão bela esposa madrugando na consulta externa.  
Tão bela esposa hoje... senha da Clínica Geral.  
Tão bela esposa amanhã... senha da Cirurgia  
Tão bela esposa depois... senha da Cardiologia.  
Tão bela esposa a seguir... senha do Raio X.  
Tão bela esposa também na Oftalmologia  
e tão bela esposa voltando mais neura  
da Neuropsiquiatria.  
(M, p. 13)

Minha tão bela esposa Maria!  
Ninguém dela tão indigno como o seu único marido  
neste momento a redigir sua autobiografia de ex-falecido  
4 anos inquilino onde o senhorio só cobra rendas  
do universo da solidão  
meus defeitos e suas qualidades exortando  
o insólito casal perfeito.

Foi 4 anos eniviado de si mesmo

**LITERATURAS AFRICANAS II – Prof. Mário Lugarinho**  
**Poemas de José Craveirinha**

de poéticas algemas atrás das costas  
 com direito a um jipe militar,  
 banal encenação de quem está preso  
 e se ignora ainda vivo  
 o mais mudo sotaque do último chão. (ibid., p. 14-16)

MISSANGAS

Do avesso das pálpebras  
 gotejam missangas  
 de sal.

Penosa  
 amargura escorrendo  
 faz alcalino o rasto. (ibid., p. 45)

Então meu caro Zé  
 o que é isso?

Paciência.  
 Maria foi descansar.

Era assim a Maria  
 sofrer por ti sofria  
 mas as suas lágrimas  
 remendavam enxutas  
 os rasgões da alma.

Quando um homem chora  
 é uma ferida mal sarada  
 que nos seus olhos sangra  
 com pena dele. (ibid., p. 61-2)

BIRRAS

Quando  
 uma das minhas camisas se extraviava  
 somente Maria tinha absoluta certeza  
 de ter sido a reincidente  
 minha inata amnésia  
 que me fazia perder as coisas que resolvia dar.  
 (ibid., p. 72)

«OLHOS ENXUTOS»

Olhos enxutos  
 na dor de luto  
 é suplício exclusivo  
 de quem mais sofre  
 quanto menos chora. (ibid., p. 73)

GOLA PUÍDA

Primeiro a Maria revirou a gola.  
 Depois cortou um pedaço da fraida  
 reconheceu um primoroso  
 colarinho novo.

Nostálgico rememoro  
 esses nossos felizes maus tempos  
 com a Maria consumando o prodígio  
 ao fazer uma desgostosa camisa velha  
 tornar-me um invejado Zé de camisa nova.

A esses nossos — agora tão saudosos! —  
 atribulados bons tempos retrocedo  
 quando a Maria dava outra vida  
 à minha agonizante camisa no fio  
 pondo outra vez jovem  
 a caquética gola puída. (ibid., p. 76)

A GOLA DA CAMISA

Eu não sabia a solução

mas um dia sem me dizer nada  
 a Maria pegou na fatigada camisa  
 e numa tarde revirou-lhe a gola.

E a dita camisa e eu modernizados  
 com mútuo gáudio estreamos-nos 3.<sup>a</sup> vez.

Simplicíssima feiticeira  
 das hábeis mãos de Maria  
 foi essa esplêndida camisa  
 vangloriando-me refeita.  
 (ibid., p. 87)

MEMÓRIA DOS DOIS

Ambos  
 juntos na mesma memória.

Eu  
 o Zé que não te esquece.

Tu  
 a Maria sempre lembrada. (ibid., p. 145)

PRESENTIMENTO

Desta vez Maria  
 espera aí mesmo por mim.

Exilado nos meus versos  
 vou ter contigo.

Sem falta! (ibid., p. 162)

OS DOIS EUS E A SOLIDÃO

Em mim  
 a solidão é já uma pessoa.

Onde  
 a um eu que não chora  
 um meu outro eu  
 chora tudo  
 pelos três. (ibid., p. 221)

PLENONASMOS

A  
 dor  
 mais dolorida.

Nem  
 uma efêmera vírgula  
 a reticência de um pão eco  
 reticência de um grito sufocado  
 soluço soterrado no deserto  
 da sua própria vírgula  
 abrevia meus semânticos  
 pleonasmos de Maria. (M, p. 242)

... E EX.<sup>MA</sup> ESPOSA

Um  
 só momento  
 situem-se na minha carne  
 ao ler os convites  
 endereçados ao casal  
 Sr. José Craveirinha e Ex.<sup>ma</sup> Esposa. (ibid., p. 232)

CANTO DO NOSSO AMOR SEM FRONTEIRA

Mas bem no fundo das almas  
 e dos corpos tatuados de esperança  
 o clitóris das montanhas nos sexos das nuvens  
 pátria do nosso desespero mais desesperado

LITERATURAS AFRICANAS II – Prof. Mário Lugarinho  
Poemas de José Craveirinha

pátria dos pés descalços na brancura do algodão  
pátria de beijos e promessas de mais beijos  
é o nosso genuíno grito mais gritado  
a levantar no cosmos a beleza do nome  
não renegável de Moçambique! (OP, p. 138)

CULTO  
Sábio

altar  
de rezas  
tua nudez  
minha sedosa  
madre igreja  
de culto. (PE, p. 14)

Herege

sei-me crente  
quando  
te rezo  
desde o fremir  
das amaras [sic]  
às trincadas  
catequese

das

bocas.  
E  
me sei  
suspensão  
entre  
o sumo  
dos gemidos

e hierovulvas

de chipendanas  
entoando  
mil  
hossanas

a rebate.

Deuses  
excomunguem  
os que desdenham

orar

à Vida  
desta maneira. (ibid., p. 15)

O TIMBRE DOS DEUSES

Vivo

um delírio  
de corpos  
enovelados  
tangendo  
seus próprios  
cânticos.

Dedos

e bocas  
em manuais  
de Sade.

Desencantados

dos outros  
confidenciando-se  
néctares

portas

adentro  
dos favos  
do Céu.

Exaustos

corpos encontram  
o timbre  
dos Deuses. (PE, p.

17)

Louvada

seja  
a água  
que satisfaz  
minha sede.

Louvido

o milho maduro  
da nossa  
bela farinha.

E

louvada  
seja a mulher  
que louva  
a génese  
do seu ventre  
e nos concebe

bem vivos

pão fresco.  
perante o mútuo

E

louvados  
os lábios  
no mútuo beijo  
e mútuo pão  
da

mesma fome.  
(ibid., p. 19)

DEUS À SEMELHANÇA DO HOMEM

A

inata  
qualidade  
de amar  
uns chamam  
vício.

É defeito

a redondeza  
do Mundo?  
É crime gostar

aroma

rosa?  
do

Valho-me

do amor  
e nele me exalto  
e me redimo

tal

como Deus  
quando se liberta  
invocando-se  
alter-ego  
do

Homem. (ibid., p. 27)

Giz

de unhas  
na lousa  
do meu dorso  
giza arabescos  
de gemidos  
que se gostam.

